

A ESTRUTURA DA SENSAÇÃO NA COGNIÇÃO SENSÍVEL EM SANTO AGOSTINHO

STRUCTURE OF THE FEEL IN COGNITION IN SENSITIVE SAINT AUGUSTINE

Ricardo Evangelista Brandão¹

RESUMO: Segundo Agostinho o homem é composto por duas substâncias, corpo e alma, que embora distintas cooperam de maneira harmoniosa e necessária para formar o homem. No conhecimento sensível estas duas instâncias estão imbricadas, porém, nosso pensador adota o princípio Plotiniano de que algo de densidade ontológica superior afeta e não pode ser afetado pelo que tem densidade ontológica inferior, sendo a alma superior ao corpo ela afeta sem sofrer influxos do corpo. Assim sendo, como explicar o conhecimento sensível, que aparentemente requer influxos mútuos para a sua formação? O Hiponense responde a esse problema utilizando a estrutura da sensação, composta pela atenção da alma e as paixões corpóreas. Com essa estrutura o Filósofo explica que mesmo no referido tipo de conhecimento, a alma tem uma função eminentemente e exclusivamente ativa, visto que é ela que recolhe as afecções corpóreas mediante a direção de sua atenção para elas, tirando a si mesma do estado de ignorância do que acontece ao corpo e ao mundo externo.

Palavras-chave: Santo Agostinho, corpo e alma, sensação, conhecimento sensível.

ABSTRACT: According to Augustine man is composed of two substances, body and soul, though distinct and cooperate harmoniously necessary to make the man. Sensitive knowledge in these two instances are intertwined, however, our thinkers Plotinian adopts the principle that something more ontological density affects and can not be affected by what has ontological density lower, and the soul than the body it affects the body without suffering inflows. So how to explain the sensitive knowledge, which apparently requires mutual influences to their training? The Hiponense responds to this problem using the structure of feeling, made for the attention of the soul and the bodily passions. With this structure the Philosopher explains that even in that kind of knowledge, the soul is essentially and exclusively a function active, since it is she who collects the bodily ailments by the direction of his attention to them, drawing to itself the state of ignorance what happens to the body and the outside world.

Key word: St. Augustine, body and soul, feeling, sensitive knowledge.

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN. E-mail: ricardobrand75@gmail.com

2 A ESTRUTURA DA SENSACÃO EM SANTO AGOSTINHO

A sensação no Pensador de Hipona é a estrutura cognoscitiva responsável pela produção do conhecimento sensível, logo, estudar a sensação é investigar como se processa o referido conhecimento no homem. Estabelecendo-se que o homem é formado por duas substâncias distintas, material e espiritual, cabe-nos explicitar como estas instâncias cooperam na produção desse conhecimento. Na investigação dessa esfera da cognição humana, brota naturalmente a seguinte indagação que pretendemos responder em nosso texto: Sendo o corpo veículo da alma sofre constantemente a ação da mesma, porém, na esfera do conhecimento sensível em que emblematicamente as duas substâncias componentes do humano estão imbricadas, a alma também é afetada pelo corpo?

A impressão que poderíamos ter em um primeiro momento é que isso é perfeitamente possível, visto que nessa forma de conhecimento o corpo sofre as ações dos objetos da natureza externa, e com sua estrutura orgânica que forma os cinco sentidos introjeta essas impressões do mundo, e já que essas impressões sensíveis só se tornam conhecimento perpassando pela alma, podemos concluir que a alma sofre as ações do corpo.

Todavia, Agostinho assume o princípio neoplatônico de que os seres de densidade ontológica superior afetam e não podem ser afetados pelo inferior, e na medida em que, como já discutimos no primeiro capítulo, a alma é imensamente superior ao corpo, ela afeta e jamais pode ser afetada pelo corpo. Mesmo no sentir, a alma tem função eminentemente ativa, não sofrendo sob quaisquer circunstâncias influxos do corpo. Como nos esclarece Tina Manferdini: “O critério plotiniano ao qual Agostinho se atém é que o inferior não pode agir em nenhum modo sobre o superior: o que implica precisamente que no sentir a alma não pode sofrer afecção ou impressão, de forma que não é passiva a respeito do corpo [...]” (MANFERDINI, 1995, p. 146).

No **Comentário Literal ao Gênesis** o Hiponense objetivando explicar como a imagem captada pelo corpo é primeiramente gerada pela alma, expõe o princípio neoplatônico que supra mencionamos:

Não se há de pensar que o corpo faz algo no espírito, como se o espírito se submetesse ao corpo que age pela condição de ser matéria. Com efeito, de todos os modos é mais excelente o que faz do que a matéria da que se faz algo. De modo algum o corpo é mais excelente que o espírito, pelo contrário, o espírito é mais excelente que o corpo de modo eminente (*De Gen. ad. litt.*, XII, 16, 33).

No presente texto Agostinho faz uso da recorrente metáfora do obreiro e sua matéria², pois, o obreiro é sempre superior a matéria da qual usa para fazer algo, e a única possibilidade do corpo agir sobre a alma seria ele assumir o papel de obreiro fazendo da alma sua matéria. Como isso é impossível, pois, a alma vivifica e dá forma de vida humana ao corpo, ela é por natureza o obreiro e o corpo sua matéria da qual dá forma. Logo, sendo a alma o obreiro é consecutivamente superior a matéria, age sobre a matéria para dela fazer o que quiser, jamais podendo ser afetada por ela.

Bem, para salvar a tese da paixão unilateral, o Hiponense utiliza duas instâncias estruturais que formam o conhecimento sensível, a sensação e os sentidos, a sensação pertencente à alma e os sentidos ao corpo. Propriamente falando, a sensação é a estrutura fundamental para a formação do conhecimento sensível, e por sua vez os sentidos do corpo são instrumentos de que a sensação se serve para conhecer os objetos do mundo. É como se os cinco sentidos do corpo humano participassem da sensação que é uma estrutura da alma, pois, o corpo com seus sentidos não formam em hipótese alguma o conhecimento, mas apenas captam os dados sensíveis para que a alma com a sensação forme conhecimento. Como aclara o Pensador nessa emblemática passagem:

E por isso, porque sentir não é próprio do corpo, mas da alma pelo corpo, embora se disserte com agudeza que os sentidos do corpo estão distribuídos de acordo com a diversidade de elementos corpóreos, a

² A mesma metáfora é usada por Agostinho no **Sobre a Música** para defender a primazia da melodia produzida pela alma comparada com a produzida pelo corpo: “Pois é o maior absurdo que a alma esteja como matéria submetida ao corpo artífice. Porque jamais a alma pode ser inferior ao corpo, e toda matéria é menos nobre que o obreiro. Assim, pois, de nenhuma maneira é a alma uma matéria sujeita ao corpo, obreiro seu [...]” (*De musica*, VI, 5, 8). Também: *De inmort. animae*, 16, 25.

alma, à qual é inerente a potência do sentir, não sendo corpórea, estimula a potência do sentir por um corpo mais sutil (*De Gen. ad. litt.*, III, 5, 7)³.

Como nos informa o texto supra, o conhecimento sensível não pertence ao corpo, mas à alma por meio do corpo, a alma possui a potência do sentir e o corpo os instrumentos para que isso aconteça, quando por exemplo o homem com o sentido do tato percebe algo poroso, não é o corpo que percebe, mas a alma através do corpo⁴. Outrossim, apesar da sensação pertencer à alma, ela necessita dos sentidos do corpo para ter as sensações. Um cego, embora possua a estrutura da sensação em sua alma, não enxerga por lhe faltar o órgão que serve ao sentido da visão. O cego possui a potencialidade de enxergar (sensação), porém, falta-lhe a atualização dessa potência por lhe faltar a visão, pois, sem a sensação dos dados sensíveis não há conhecimento, e sem o dado sensível a sensação não possui conteúdo. Poderíamos dizer kantianamente que para Agostinho os dados sensíveis sem a sensação são cegos, e a sensação sem os dados carecem de conteúdo⁵.

Quer dizer, os cinco sentidos com os quais o homem tem acesso e conhecimento do mundo sensível, na medida em que o corpo é um instrumento da alma, são em última instância sentidos da alma, ou melhor, instrumentos de que a alma se utiliza para perceber o mundo externo e seu próprio corpo. Como descreve o Bispo Filósofo no diálogo **A Grandeza da Alma**: “A alma se aplica ao tato e por ele sente e distingue o que é frio, áspero, liso, duro, leve, pesado, pela audição e pela visão as inúmeras diferenças de sabores, de odores, de sons, de formas” (*De quant. animae.*, 33, 71)⁶. No presente texto Nosso Filósofo defende veementemente a paixão unilateral do corpo, e o caráter

³ Também: *De civ. Dei.*, XI, 27, 2.

⁴ O professor D. Beda Kruse traz o eloqüente exemplo da dor: “A sensação da dor parece ser sofrida pelo corpo; na verdade, porém, é a alma que sofre pelo corpo” (KRUSE, 1995, p. 103).

⁵ Não é nossa pretensão afirmar que o que Kant escreveu em sua primeira crítica Agostinho já disse no século IV, pois, a finalidade de cada pensador era bem distinta. Agostinho pretendia explicar o conhecimento sensível salvando a proeminência da alma sobre o corpo, e Kant mostrar os limites da razão especulativa para o conhecer. Todavia, ambos chegam a idéias parecidas no que tange à formação do conhecimento sensível: “[...] destituído de sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado. Isento de entendimento, nenhum objeto seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios. Intuições sem conceitos são cegas” (KANT, 2001, p. 90).

⁶ Cf. *De musica*, VI, 5, 10.

exclusivamente ativo da alma. Quer dizer, embora seja o corpo que com os sentidos seja afetado pelo mundo, a alma com a sensação, age sobre os sentidos captando essas afecções corporais transformando-as em informação.

Bem, as duas instâncias estruturais que são responsáveis pelo conhecimento sensível são os sentidos e a sensação, os sentidos pelo que expomos até aqui, já ficou claro que se trata dos cinco sentidos do corpo humano. Mas o que é essa faculdade que Agostinho chama de sensação? Na **A Grandeza da Alma** Agostinho em diálogo com Evódio defende inúmeras vezes, cada uma delas com problemas que a põe em dificuldade a seguinte definição: “A sensação é certamente toda reação no corpo que não se oculta à alma [...]” (*De quant. animae*, 25, 48).

A palavra no original latino traduzida por “reação” é *passio*, que igualmente podemos traduzir como paixão, afetação. Portanto, está se falando das afetações corpóreas sofridas pelo organismo humano em contato com o mundo externo. A expressão “não se oculta à alma” traduz o original latino *non latere animam*, aonde *latere* significa oculto, ignorância, estar escondido (Cf. FARIA, 2003, p. 550), e a expressão *non latere* é o estado de não ignorância da alma. Logo, a sensação é o estado de não ignorância da alma diante das paixões do corpo.

Portanto, o corpo a todo momento é afetado pelo mundo, seja com calor, frio, forte odor, luminosidade, escuridão, etc. Essas afecções só se tornam sensação quando a alma conscientiza-se delas. Sendo a sensação um estado de consciência da alma do que acontece ao corpo, assemelha-se em certo sentido a Ciência que ao desvendar determinado tipo de conhecimento à alma, também a coloca em um estado de não ignorância:

Embora a sensação seja uma coisa e a ciência, outra, é comum às duas não deixarem de se manifestar; [...] pois não deixa de ser manifesto tudo o que a alma conhece, seja pela constituição do corpo, seja pela acuidade da inteligência. A primeira reclama para si o nome de sensação, mas a segunda, o de ciência (*De quant. animae*, 30, 58).

Iluminados por esta última citação, poderíamos dizer que na medida em que qualquer forma de conhecimento constitui-se de um estado de não ignorância da alma, a

alma em sua função cognoscitiva utilizando-se da razão tem o que poderíamos chamar de entendimento que produz o conhecimento intelectual, ou pelo menos torna a alma consciente do referido conhecimento. E utilizando-se dos sentidos do corpo tem a faculdade denominada de sensação que produz o conhecimento sensível. Em suma, a sensação é o estado de não ignorância da alma do que acontece ao corpo, e ela consegue isso quando de forma ativa utiliza-se dos sentidos como instrumentos, logo, os sentidos são sub-faculdades que fazem parte da estrutura da sensação da alma.

Entendemos que já ficou suficientemente claro como a alma de forma ativa produz o conhecimento sensível. Porém, na medida em que a sensação necessita dos dados sensíveis captados pelo corpo nesta esfera epistêmica, como sustentar sua exclusiva ação? Ou seja, como explicar que a alma permanece inafetada pelo corpo, mesmo recebendo dele as impressões do mundo sensível? Bem, Agostinho tentará responder a esse paradoxo ancorado nas idéias de espiritualidade e da atenção da alma.

Segundo o Filósofo de Hipona, o homem é composto por duas substâncias distintas, com propriedades igualmente diferentes. O corpo é a substância material, e enquanto matéria ocupa lugar no espaço e sofre a ação do tempo, fazendo parte de sua natureza enquanto existe caminhar para a não existência⁷. A alma por outro lado, é a substância espiritual do composto humano, e, portanto, incorpórea, inextensa e que não sendo matéria não ocupa lugar no espaço, nem está dada a corrupção substancial, mas apenas moral, sobrevivendo à morte do corpo. Sendo ela de substância imaterial não ocupa um lugar específico no corpo, não necessitando locomover-se para se dirigir as afecções corpóreas, mas ela está em todas as partes do corpo ao mesmo tempo. Como disserta Agostinho:

Na realidade toda massa que ocupa um lugar, não existe toda inteira em cada uma de suas partes, mas sim na totalidade. Pelo qual, uma de suas partes está em um lugar e outra em outro. A alma pelo contrário não está só presente em toda massa do corpo que anima, mas também está

⁷ No *De Gen. ad. litt.*, IV, 25, 36, Agostinho afirma que mesmo o corpo de adão antes de ser corrompido pelo pecado, não era imortal, pois se assim o fosse seria um corpo espiritual, mas mesmo sendo mortal podia não morrer pelo intercurso da graça divina mediante a permanência em uma vida santa.

presente ao mesmo tempo inteira em cada uma de suas partes mais pequenas (*De inmort. animae*, 16, 25).

Na medida em que a alma é uma substância espiritual, está presente integralmente em todo o corpo, bastando dirigir sua atenção para aquela parte específica do corpo que está sendo afetada pelo mundo. Isto é, as paixões corpóreas saem do estado de ignorância para a alma, quando ela dirige sua atenção para elas. Só há sensação quando a alma dirige sua atenção para as paixões do corpo, saindo assim do estado de ignorância, por isso, poderíamos dizer que a sensação é composta por dois elementos, as paixões e a atenção da alma. Como nos esclarece Tina Manferdini: “De fato a sensação é resultado de dois elementos radicalmente distintos ao mesmo tempo inseparavelmente ligados: de um lado a impressão ou afecção corpórea (*passio corporis*), do outro a atenção da alma que percebe imediatamente aquela impressão” (MANFERDINI, 1995, p. 146).

A análise da comentadora acerca da sensação em Agostinho é bastante esclarecedora, pois, de fato não há sensação sem as paixões corpóreas e a atenção da alma, e pelo menos na sensação estes dois elementos estão necessariamente ligados. O que não nos autoriza a afirmar que em outros momentos em que não acontece a sensação eles estejam associados, pois, com frequência o corpo é afetado de alguma maneira e a alma não dirige sua atenção para esta afecção. Como, por exemplo, a alma por estar concentrada em um problema pessoal, filosófico ou teológico, se distrai de tal forma que não consegue perceber fortes afetos corpóreas. Vejamos o que diz nosso Filósofo, utilizando um exemplo parecido com o nosso, em debate com os maniqueus que não conseguiam perceber grande distinção entre a alma e os órgãos do corpo, por compreenderem que a alma é constituída de uma matéria sutil:

Que a alma seja uma coisa, e outra distinta estes seus servidores corporais, vasos ou órgãos, [...] isso se manifesta com evidência porque muitas vezes ela se isola de tudo por uma aplicação mais intensa do pensamento, de modo a não tomar conhecimento de muitas coisas que estão diante dos olhos abertos e normais (*De Gen. ad. litt.*, VII, 20, 26)⁸.

⁸ Cf. *De musica*, VI, 8, 21.

Esse exemplo dado por Agostinho é deveras forte, porque na hierarquia que ele estabelece entre os sentidos o mais importante é o da visão por estar mais próxima da alma, e no exemplo citado é justamente os dados percebidos pela visão que não são percebidos pela alma. Logo, podemos estender isso a qualquer afecção corporal, seja a dor, fome, sede, etc, podem não ser percebidos pela alma por ela estar distraída ou concentrada em alguma outra atividade, e só quando dirige-se para a dor, fome ou sede é que se tornam dor, fome e sede para a alma⁹.

Nós discutimos acerca dos dois elementos da sensação, porém, ainda não analisamos um texto de Santo Agostinho sobre o assunto, vejamos o que diz o Pensador:

Quando a alma sente no corpo, não sofre um influxo seu, mas sim atua com mais atenção nas paixões do corpo, [...]. Pois este sentido, que ainda quando nada sentimos, está apesar disso em nós, é um instrumento do corpo, utilizado pela alma com tão hábil direção que está nela melhor disposta para responder com atenção às paixões do corpo [...]. Então se diz que a alma, quando sente, integra, penso eu, as paixões do corpo, sem sofrer essas mesmas paixões (*De musica*, VI, 5, 10).

Assim sendo, não é o corpo que ao ser afetado que age sobre a alma, mas a alma que dirige sua atenção para a parte do corpo afetada, utilizando-se disso para gerar a sensação sem sofrer nenhuma ação do corpo. Esse último, mesmo sendo na constituição humana o outro da alma, não passa em sua funcionalidade de mera extensão sensível da alma que sofre paixões da alma e do mundo exterior sem, no entanto, ter a menor condição de possibilidade de agir sobre a alma. Os sentidos nada mais são que uma forma particular de ação da alma sobre o corpo. Todavia, ainda assim podemos dizer que em certo aspecto, nós temos no Filósofo Bispo uma visão positiva dos sentidos, na medida em que deixam de ter apenas uma funcionalidade bio-fisiológica para fazerem parte de uma estrutura intelectual¹⁰, pois, nesta perspectiva os sentidos embora fisiológicos visto que compõe o

⁹ Agostinho afirma que quando o corpo está em perfeita saúde, a alma não dirige sua atenção para nenhuma parte específica do corpo, por não haver necessidade do corpo de socorro da alma (Cf. *De musica*, VI, 5, 13). A alma só dirige sua atenção à determinada paixão do corpo quando ela quer, ou quando há necessidade por parte do corpo.

¹⁰ Tina Manferdini chega a afirmar que os sentidos em Agostinho alcançam tanta dignidade, que conseguem em conjunto com a alma e a vontade alcançar o valor objetivo da beleza, nas belezas particulares (Cf. MANFERDINI, 1995, p. 288).

organismo humano, transcendem a sua condição em sua estreita relação com a alma. O conhecimento sensível é psicossomático, e em última instância é um conhecimento intelectual.

No **Comentário Literal ao Gênesis**, Santo Agostinho ao dissertar acerca da superioridade da alma em relação ao corpo afirma o seguinte:

[...] portanto, ainda que vejamos primeiro algum corpo que antes não víamos, e em seguida comece a imagem do mesmo a estar no nosso espírito, no qual podemos nos lembrar quando se ausentar, contudo, o corpo não produz a sua imagem no espírito, mas o próprio espírito a produz em si mesmo com rapidez admirável, a qual dista de modo inefável da lentidão do corpo (*De Gen. ad. litt.*, XII, 16, 3).

No citado texto, o Filósofo no esforço de manter o princípio de que o superior afeta, mas não pode ser afetado pelo inferior, afirma que as imagens captadas pelos órgãos do corpo são primeiramente formados na alma, porém, o argumento aqui não é tão claro como o da atenção, pois diz que a alma é mais rápida que o corpo para produzir a imagem, de forma que antes do corpo afetar a alma com a imagem, a alma já produzira a referida imagem. Mesmo não estando claro no texto em que consiste a antecipação da alma para formar a imagem, entendemos mediante outros escritos mais claros que essa rapidez é a própria potencialidade da sensação, que se utiliza do corpo para captar os dados sensíveis transformando esses dados em imagem, de forma que não é o corpo, mas a alma que produz a imagem.

De fato, com a teoria da estrutura da sensação, Agostinho vence inúmeras dificuldades na defesa da tese que a alma não sofre paixões do corpo, porém, mesmo com os elementos da espiritualidade e atenção da alma, algo que não se pode negar é que a alma nesse processo sofre mudanças. Ou seja, ela não possuía um conhecimento de determinada afecção sensível, e ao voltar a sua atenção para ela sai do estado de ignorância. Nesse processo cogno-sensitivo a alma sai do estado de ignorância para o de não ignorância. No diálogo **Sobre a Música** o pensador enfaticamente afirma que mesmo com essa mudança na alma não podemos dizer que ela sofreu um influxo do corpo, mas que sofreu influxo de si mesma. Pois, é ela em todo momento que age na sensação, e todas as mudanças que ela sofre nesse processo, é causada por sua própria ação: “Mas

quando ela sofre algo da parte de suas mesmas atitudes, o sofre por influxo de si mesma não por influência do corpo [...]” (*De musica*, VI, 5, 12).

Semelhantemente Plotino defende a tese de que na medida em que a alma é muito superior ao corpo, ela age constantemente sobre o corpo fazendo-o de veículo, porém, não sofre nenhuma ação do corpo, visto que “o incorpóreo não pode ser afetado, em qualquer modo que seja, pelo corpóreo” (REALE, 1994, vol. IV, p. 505)¹¹. Logo, o conhecimento sensível será interpretado como agência da alma sobre o corpo, que se dá ao indivíduo através de duas estruturas, a sensação exterior que é uma faculdade dos órgãos do corpo que o permite receber as impressões do mundo, e a percepção sensitiva, que é uma potencialidade da alma em que ela capta cognoscitivamente as impressões do corpo, transformando-as em conhecimento sensível.

Portanto, o conhecimento sensível, como qualquer informação sensível, é a ação da percepção sensitiva da alma por meio da sensação exterior do corpo frente aos dados sensíveis, como nos esclarece nas *Enéadas*:

[...] a faculdade sensitiva da alma não tem necessidade de estender-se às coisas sensíveis, diretamente, mas deve antes consistir numa especial capacidade perceptiva das marcas, que, como consequência da sensação, se formam no vivente; pois estas já são de espécie inteligível: pois a sensação exterior é uma imagem daquelas; mas a potência da alma é muito mais verdadeira, segundo a essência, pois é contemplação de formas, pura e impassível (*En.*, I, 1, 7).

Segundo Plotino, todo esse movimento de afetar sem ser afetada da alma, é justificado pelas duas instâncias que existem na alma denominadas de alma inferior e superior. A inferior é a instância da alma que entra em contato com o corpo e mundo sensível, e a superior se relaciona diretamente com as formas arquetípicas dispostas no

¹¹ Devido a este princípio o Licopolitano afirma que embora seja o corpo que sofra as impressões do mundo, essas impressões são recolhidas pela alma por meio do corpo. A alma que devido a sua espiritualidade está presente em todo corpo, informa a si mesma acerca das afecções corpóreas. Como nos informa o pensador Eneádico com o eloquente exemplo da dor: “Assim pois, a afecção tem lugar no corpo, porém conhecimento é próprio da alma sensitiva, que por seu domínio a percebe e notifica ao centro em que terminam as sensações. [...] Assim, por exemplo, no caso de um corte, quando se corta o corpo, o corte se produz na matéria [...]. Porém, é a alma que por ser adjacente diríamos, o recolhe e o percebe, e é a alma inteira que percebe a afecção do corpo sem ser afetada pela mesma” (*En.*, IV, 4, 19).

Nous. Portanto, no processo do conhecimento sensível, a alma superior ilumina a alma inferior no captar as impressões sensíveis por meio do corpo, por isso a alma é como se fosse uma luz que ao focalizar determinada coisa, a torna conhecimento mediante a iluminação previamente adquirida no seu contato com as verdades eternas (Cf. *En.*, IV, 6, 3)¹².

Assim sendo, não há grandes diferenças entre Agostinho e sua principal fonte teórica Plotino, pois ambos se esforçam para resguardar a tese de que a alma sendo uma instância ontológica superior ao corpo, afeta e não pode ser afetada pelo corpo, utilizando argumentos bastante parecidos. A princípio a diferença é apenas nomenclatural, visto que os termos sensação e sentidos do Hiponense correspondem respectivamente aos termos percepção sensível e sensação exterior usados por Plotino. Porém, quanto a explicar como se dá de fato esta relação alma e corpo diante do conhecer sensível, mestre e discípulo se distanciam um pouco, já que Plotino defende a idéia de que a alma mediante um prévio conhecimento das verdades eternas lança luz sobre os obscuros dados sensíveis decorrentes da afetação do corpo, gerando o conhecimento. E Santo Agostinho faz uso da idéia da atenção da alma para as paixões do corpo, para explicar o mesmo acontecimento. Pois devido a sua relação com o cristianismo, em hipótese alguma poderia aceitar a idéia de que a alma pré-existia ao corpo tendo contato com as verdades arquetípicas dispostas no *Nous*. Para o Hiponense o conhecimento sensível não é imanente, mas é produzido em contato com o mundo mediante o processo que expomos, na medida em que jamais a alma pode imaginar objetos que já não tenha percebido (Cf. *De Trin.*, IX, 6, 10)¹³.

Em suma, no pequeno recorte que fizemos da vultosa obra de Agostinho, o contexto é de debate contra as várias concepções antropológicas dos maniqueus, sempre

¹² REALE, 1994, vol. IV, p. 505, comenta algo interessante a respeito: “Antes, para Plotino, na impressão sensorial que se produz no nosso corpo, a alma vê (embora no nível mais fraco e mais débil) o rastro de formas inteligíveis e, portanto, a própria sensação é, para a alma, uma forma de contemplação do inteligível no sensível”.

¹³ GILSON, 2007, p. 119, comenta o seguinte: “Não há qualquer traço de ocasionalismo ou inatismo do conhecimento sensível na filosofia agostiniana. Todo conhecimento de qualquer coisa material é engendrado simultaneamente por nós, que o conhecemos, e pela coisa que é conhecida”.

fazendo uso de princípios advindos do Cristianismo, do Plotinianismo e de suas reflexões pessoais. Embora não seja fácil para qualquer pensador dualista explicar a relação da alma com o corpo, Agostinho com impressionante inteligência nos traz a idéia da atenção da alma, que influenciou proficuamente a Idade Média, como até hoje responde satisfatoriamente o problema para muitas pessoas.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. 4. ed. Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. Parte II, 589 p. (Coleção Pensamento Humano).
- _____. **A grandeza da alma**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p.253-351 (Coleção Patrística, n. 24).
- _____. **A natureza do bem**. Trad. de Carlos Ancêde Nougué. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. 81 p. Edição Bilingüe.
- _____. **A vida feliz**. 2. ed. Trad. e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998 (Coleção Patrística, n. 11).
- _____. **A Trindade**. Trad. e introd. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. 726 p. (Coleção Patrística, n. 7).
- _____. Comentário Literal ao Gênesis. *In: Comentário ao Gênesis*. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-498 (Coleção Patrística, n. 21).
- _____. **Confissões**. 5. ed. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984. 418 p.
- _____. **O livre-arbítrio**. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. 294 p. (Coleção Patrística, n. 8).
- AGUSTÍN, San. **La inmortalidad del alma**. Trad. de José Bezic. Buenos Aires: Instituto de Filosofía/Universidad Nacional de la Ciudad Eva Perón, 1953. 87 p. Edição Bilingüe.
- _____. La música. *In: Obras completas de San Agustín*. ed. bilingüe. Trad. introd.. y notas de Alfonso Ortega. Madrid: La Editorial Católica / BAC, 1988, vol. XXXIX, p. 49-361.
- CAPANAGA, Victorino. Introduccion a los diálogos: principio, proceso y fim de la filosofia agustiniana. *In: Obras completas de San Agustín*. Traducción, introduccion y notas de Victorino Capanaga. 6. ed. Madrid: La Editorial Católica / BAC, 1994. v.1, p. 384-426.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo: história, filosofia e religião.** Petrópolis: Vozes, 2003. 175p.

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português.** Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003. 1081p.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Trad. de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2007. 542p.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Trad. de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001. 605p.

KRUSE, D. Beda. O ensinar e aprender em o “*De Magistro*” de Santo Agostinho. *In: Atualidade de Santo Agostinho.* Sorocaba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, 1995. p. 101-144.

MANFerdini, Tina. **Comunicazione ed estetica in Sant’ Agostino.** Bologna: Edizione Studio Domenicano, 1995. 299p.

PLOTINO. **Enéadas.** Introducciones, traducciones y notas de Jesús Igal. Madrid: Editorial Gredos, 1998. Livros I, IV, vol. I, II.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga: as escolas da era imperial.** 2. ed. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. vol. IV, 608p.